

Job revisitado: o mal e o sofrimento inocente

Esta apresentação tem por objetivo fazer uma abordagem ao problema do mal e o sofrimento inocente, tendo como pano de fundo o famoso herói do livro de Job. Questão: porque sofremos?

O simples fato de se ser humano proporciona ou potencia qualquer tipo de dor ou de sofrimento. Se para nascer sofremos e fazemos sofrer, também para morrer sofremos e fazemos sofrer.

Olhemos a experiência de Job

1. Um homem bom que tinha tudo e perde tudo

O livro de Job insere-se no conjunto dos Livros Sapienciais ou Sabedoria da Bíblia. O termo sabedoria é aplicado a um conhecimento baseado na experiência humana acumulada ao longo da vida e enriquecida através de gerações e que se fixou em pequenas frases com um tom proverbial.

Nos livros Sapienciais o centro é o indivíduo, a sua vida quotidiana, a sua liberdade pessoal, o uso da razão e da prudência para orientar a sua vida, a sua relação com a criação e os seus enigmas.

O Livro de Job impôs-se como um marco fundamental na Bíblia porque toma a consciência dos sofrimentos e dramas da vida humana, procurando a sua interpretação à luz da fé e da vontade divina.

Neste livro analisa-se o problema de saber se existe alguma correlação justa ou lógica entre a maneira honesta como se vive e a forma como a vida nos corre.

Também aborda o profundo problema do sentido do mal e do sofrimento inocente na vida do homem justo.

O autor do livro argumenta que a origem do mal e do sofrimento inocente radica numa cruel aposta de um “*deus satânico*” que permite experimentar a fidelidade de Job, abandonando-o à mercê de males impiedosos.

A narração mostra como Job foi atingido com o sofrimento atroz, através de um processo de perdas significativas na vida: os bens, os filhos e por fim a saúde. Uma doença ensina mais sobre o sentido da vida, do que uma viagem à Europa.

2. A falência da doutrina da retribuição

Inicialmente, os amigos de Job oferecem-lhe o seu sábio silêncio, durante 7 dias. Depois torturam-no com discursos vazios, sustentados na “doutrina da retribuição”, que professa um prêmio para aqueles que são justos e um castigo aos malvados. Os amigos sugerem que Job se submeta à correção divina, como único caminho para poder superar a sua situação atual (5, 17-26). Os amigos de Job fustigam-no com essa ideia: Deus não pode enganar-se, se estás a sofrer é porque fizeste alguma coisa de mal.

A falência da “doutrina da retribuição” está no fato de esta passar completamente ao lado da reivindicada inocência de Job, com toda a justiça, pois ele é um justo que sofre, como se fosse um mau.

A revolta do justo na dor

Job revolta-se contra os que o visitam, afirmando: “*Vós sois todos consoladores importunos. Quando terão fim essas palavras de vento?*” (16, 1-6). Chega mesmo a amaldiçoar o dia em que nasceu (cap. 3).

Perante tal cenário, Job conclui que o seu sofrimento só pode ser má vontade de Deus. Ou naturalmente, houve um grave engano para com ele porque, sentindo-se inocente, constata que Deus é sanguinário porque não só destrói o orgulho dos maus como também a esperança dos justos (9, 20).

As contradições da doutrina da retribuição, que Job experimenta na carne, são de tal ordem que ele só quer que Deus o deixe em paz (7, 17-19; 14, 6), ou então escute as razões da sua inocência e como justo juiz conceda-lhe a tão almejada justiça (23, 3-7).

Deus responde a Job

Infelizmente, Deus não responde diretamente à situação concreta do sofrimento de Job, nem à incoerência da doutrina da retribuição ou à suposta injustiça divina perante a sua inocência.

A sua resposta não descodifica a origem do mistério do sofrimento e do mal, mas vai no sentido de apresentar a ordem do universo e a sabedoria que é necessária para manter a harmonia do cosmos, ou seja, Deus responde sem responder: apresenta argumentos unicamente sobre o mistério do bem, a sua absoluta transcendência e sabedoria divinas.

História do hipopótamo (40, 15)

Encontramos na resposta de Deus, uma das passagens mais intrigantes da Bíblia, pois responde a Job, com o exemplo do hipopótamo. Não é propriamente um divertimento teológico, pois a questão sobre os limites da responsabilidade humana perante a experiência devastadora do Mal é demasiado séria, para não ser levada a sério.

Deus desenvolve o seu raciocínio, desafiando Job a olhar de frente para um hipopótamo: “Vê o hipopótamo que criei como a ti... ele levanta a sua cauda com um cedro; os tendões das suas coxas estão entrelaçados. Os seus ossos são como tubos de bronze, a sua estrutura é semelhante a pranchas de ferro. É a obra-prima de Deus..., ninguém se atreve a provocá-lo” (Jb 40, 5-20).

O **método de Deus** neste singular encontro com Job é **trabalhar a medida do olhar humano**, rasga-lo imensamente para que ele vislumbre o incomensurável, tudo o que não tem resposta, mostrando-lhe que **se o Mal é um enigma que nos cala, o Bem é um mistério ainda maior**.

A maravilhosa criação também não tem resposta. Porquê pretender a todo o custo uma solução para o Mal, se o Bem é igualmente uma pergunta, e uma pergunta ainda mais funda, vasta e silenciosa?

Da fidelidade ao encontro com Deus

Retirada a segurança da saúde e lançado para o meio da dor, da doença, do abandono, da incompreensão e do sofrimento atroz, por fim Job conclui que só conhecia Deus “de ouvido”. A proximidade e a experiência do mistério e do sofrimento ajudam Job a buscar uma alternativa.

“**Olha de frente tudo o que é grande...**” (41, 26) – é o desafio que Deus lança a Job. E, perante isto, corajosamente Job responde ao Senhor: “*Para Deus correm as lágrimas dos meus olhos*” (16, 20). “*De facto, eu falei de coisas que não entendia. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêem-te os meus próprios olhos*” (42, 1-5).

Mais do que dar repostas, o livro de Job é um questionamento sobre a vida e a existência. Questionamento que tem como ponto de partida o que mais perturba e fere a existência do homem neste mundo: a dor, o sofrimento inocente e a morte.

A liberdade de Deus

O livro de Job atinge o seu clímax no encontro exclusivo de Deus com ele (42, 7-17). A inocência de Job é reconhecida por Deus e repreende aqueles que se dizem seus amigos: “*Estou indignado contra vós, porque não falastes com retidão na minha presença, como Job, meu servo*” (42, 7).

Podemos concluir que **a justiça e a bondade de Deus não são**, de modo algum, **escravos da doutrina da retribuição**. Job queria desvendar a dobra do Mal e esquecia que é o Bem o gigantesco segredo, o inesperado desígnio que mais nos visita.

CONCLUSÃO – PARTE I

A figura de Job é o protótipo de toda a humanidade que sofre e sofre inocentemente. A resposta à questão do sofrimento depende da visão que se tem do ser humano e conseqüentemente de Deus. A recompensa final de **receber em dobro tudo o que possuía antes**, apesar de não solucionar o verdadeiro problema, **registra um bálsamo possível para reparar todo esse processo doloroso de perdas consecutivas e irreparáveis**.

Aparece pela primeira vez, na bíblia, a **ideia de ressurreição** (19, 23-27) como esperança numa **recompensa futura** que, embora não respondendo ao enigma do mal, pode amenizar a experiência da dor e do sofrimento existencial, neste mundo.

Ao atribuir a Deus a monstruosa culpabilidade do seu sofrimento, Job não quer dar uma explicação da origem do mal, apenas deseja que o seu grito de dor seja escutado.

Vivemos num mundo marcado pela experiência do mal

“*Antigamente, quando a religião era forte e a ciência fraca, os homens confundiam magia com medicina; agora, que a ciência é forte e a religião fraca, os homens confundem medicina com magia*”(Thomas Szasz).

O que se pode dizer sobre a experiência do mal?

Há muitos tipos de mal: o mal físico, moral, metafísico, o mal fora de nós, o mal em nós...

Quando o mal se abate sobre nós - um cancro, um terramoto, um tsunami, um filho que se nos morre desfeito em dores e perante a nossa impotência total, quando nos destruímos, quando tudo se afunda sob os nossos pés, quando o futuro se apaga... -, aí gritamos, choramos, blasfemamos, rezamos... reclamamos uma resposta que faça sentido ou apazigue o nosso grito de sofrimento.

Sempre houve **tentativas de solução para o problema do mal**, sobretudo em confronto com Deus. Epicuro, filósofo grego, séc IV a. C.: “*ou Deus pôde evitar o mal e não quis; então, não é bom. Ou quis e não pôde; então, não é onipotente. Ou se quis e pôde, donde vem o mal?*”

Na sua reflexão sobre a existência de Deus, Leibniz (filósofo e matemático alemão, séc. XVII) concluiu que este “*é o melhor dos mundos possíveis*”. Por sua vez, Schopenhauer (filósofo alemão, séc. XIX) contrapôs dizendo que este mundo não passa de uma arena de seres torturados, que sobrevivem devorando-se uns aos outros: “*só pode ser o pior mundo dos possíveis*”. É a velha incerteza do copo: está

meio cheio, ou meio vazio. A resposta pode não residir numa visão meramente positiva ou negativa da vida, mas no conteúdo do copo. A resposta dependerá do que está lá dentro.

O mal no interior da Divindade: esta possui em si mesma, o princípio do bem e do mal. Um parece não sobreviver sem o outro; duas faces da mesma moeda.

Vemos isto na fábula de Ana Hatherly: *“Era uma vez duas serpentes que não gostavam uma da outra. Um dia encontraram-se num caminho muito estreito e como não gostavam uma da outra devoraram-se mutuamente. Quando cada uma devorou a outra não ficou nada...”*.

Por exemplo, os vícios são defeitos das nossas qualidades, pois a nossa natureza produz ambos. Se assim não fosse não seríamos plenos e livres. A esse respeito Jung afirmou que *“qualquer objeto sólido tem o seu lado de sombra”*. Curioso será pensar que negar a nossa sombra, seria negar a própria existência e tornar-se uma espécie de fantasma. Imaginemos que seríamos uma criatura de constituição paradisíaca, imune a todas as tentações, também não teríamos vícios. Consequentemente, não necessitaríamos das virtudes, nem do livre arbítrio.

O teólogo Andrés Torres Queiruga coloca o problema do mal a partir da **ponerologia** (de ponerós, mau): deve-se tratar do mal, antes de qualquer referência à Divindade, pois o mal atinge todos, crentes e não crentes. Aí, percebe-se que a raiz do mal é a finitude. O mundo é finito e, por isso, não podendo ser perfeito, tem falhas e carências, choques, tensões que rivalizam entre si.

O mal é essencialmente a ausência do bem e não pode ser compreendido por si mesmo. A possível existência no ser humano, da inclinação para o mal não nos deve preocupar em demasia. Significa apenas que as nossas tendências boas não são completas nem infalíveis.

O problema do mal é um problema nosso. Pensemos: se para os não crentes, a existência de Deus não se coloca, não faz sentido responsabilizá-lo pela questão do mal. Contudo, o problema não deixa de existir. Para os crentes, assumindo a existência do mal, a concretização de Deus transforma-se na sua última forma de esperança.

Não tem sentido perguntar por que é que Deus não criou um mundo perfeito, pois Deus não pode criar outro Deus. A pergunta é outra: se o mal é inevitável, porque é que Deus o criou?

Aqui começa a pístediceia (de pistis: a ciência que procura as razões e justificações da fé). Há diferentes respostas, pois todos têm de enfrentar-se com o mal e cada qual procura o caminho que lhe faz mais sentido. O crente religioso acredita em Deus como Amor e anti-Mal e espera a salvação definitiva e plena para lá da morte. Os que optam por ficar sem Deus, continuam à mesma sem resolver o problema do mal, mas poderão estar a anular a última forma de esperança, inclusive para as vítimas inocentes.

Como lidar com o sofrimento

A pergunta certa não é se vamos sofrer, mas o que nos vai fazer sofrer? O que fazer com o sofrimento? E como vamos escolher viver a partir dali? Que fazer? Como agir perante o sofrimento?

1. Um passo importante para aliviar e conter o nosso sofrimento é apoderarmo-nos dele e não vitimizarmo-nos, culpabilizando-nos ou aos outros.
2. As ideias não são determinadas pelo código genético, são assimiladas e transmitidas culturalmente. Uma ideia que nos cause sofrimento bem pode ser substituída por outra ideia que nos cause alegria, mas compete-nos a nós realizarmos a essa mudança.
3. Outra forma de lidar com o sofrimento é guardá-lo para nós próprios, por muito nobre que seja essa atitude, não resolve nada. Uma forma razoável de lhe pôr fim é procurar as suas causas, independentemente das consequências ou por muito tempo que isto demore.
4. Quando o sofrimento é inocente ou não é auto-infligido, quando não podemos fugir-lhe ou combatê-lo torna-se cruel e atroz e para ser sincero não há muito que se possa fazer, nem há filosofia ou medicamento que consiga contornar essa situação. Este é o abismo que aqueles que sofrem terão de atravessar sozinhos, se possível sem medo da solidão.

Apenas encontro algum sentido na compaixão e na solidariedade daqueles que nos acompanham e nos ajudam desinteressadamente, nessa travessia.

Olhemos para algumas tentativas de respostas que encontramos na bíblia, como caminhos de superação do mal

A Bíblia não teoriza sobre o Mal, mas é a reflexão sobre uma experiência concreta de fé no encontro das tensões e conflitos reais e a experiência de comunhão com Deus que lhe dá sentido.

São vários os itinerários de superação refletidos na bíblia como forma de resposta e superação do problema do mal:

1. Itinerário de Prova na Tribulação: a experiência do Exílio foi muito dura para o povo bíblico, onde experimentaram a provação de uma terra estrangeira, longe das suas referências culturais e espirituais e a sensação do abandono de Deus. A fidelidade dos profetas incentivou o povo a purificar a sua fé e não perder a esperança do regresso.
2. Itinerário de Libertação: o Êxodo e a travessia do Mar Vermelho, após a experiência da escravidão no Egito, traz em si o germen não só um êxodo geográfico, mas de uma libertação espiritual de mentes e corações de todo o tipo de escravidão, mesmo que para isso, tenham que passar pelo mar da dor, da escravidão, do medo e da morte.
3. Itinerário da Restauração pela fidelidade: como já refletimos antes, Job é o modelo desse drama do sofrimento inocente.

O pensador agnóstico, Jean Cotureau advoga que *“Não acredita em Deus. Pois, se Deus existisse, seria o mal em pessoa. Diz ele: Prefiro negar a sua existência do que fazê-lo arcar com as responsabilidades”*. Ao colocar o problema fora de Deus, Cotureau apenas aponta para o verdadeiro questionamento do problema do mal, como um agulhão na carne, um acicate de toda a nossa existência neste mundo. Existem perguntas que apenas são levantadas para serem faróis de referência no luminar pensamento humano.

Andrea Torielli, numa entrevista ao papa Francisco, em dezembro passado, para o jornal diário italiano *“La Stampa”*, colocou exatamente a seguinte questão: *“Já esteve, em mais de uma ocasião, com crianças gravemente doentes. O que tem a dizer sobre este sofrimento dos inocentes?”*

Ao que o papa respondeu: *“Um homem que tem sido, para mim, um mentor, ao longo de toda a minha vida, é Dostoiévski e aquela sua pergunta, explícita e implícita: “Porque sofrem as crianças?” sempre andou às voltas no meu coração. Não há explicação. No entanto, há uma imagem que me vem à mente: há uma altura específica da sua vida em que uma criança “acorda”, não compreende muito do que a rodeia, sente-se ameaçada e começa a fazer perguntas à mãe ou ao pai. É a idade dos porquês. Mas quando uma criança faz uma pergunta não espera para ouvir a resposta completa, começa imediatamente a bombardear-nos com mais porquês. Aquilo que procura, realmente, mais do que uma explicação, é uma expressão tranquilizadora no rosto dos seus pais. Quando vejo uma criança em sofrimento, a única oração que me vem à cabeça é a do porquê. Porquê Senhor? Ele nada me explica. Mas eu consigo sentir que Ele está a olhar para mim. Por isso, posso dizer: Tu sabes porquê; eu não sei e Tu não vais dizer-me, mas Tu estás a olhar para mim e eu confio em Ti, Senhor, confio no teu olhar”*.

É nessa resposta, sem resposta, transmitida por um olhar absolutamente confiante, que Jean Lévêque, filósofo francês contemporâneo, recorda que a pergunta de Job é dirigida a Deus e portanto só Deus a pode responder.

CONCLUSÃO – PARTE II

Concluo com o diálogo que o filósofo agnóstico J. Habermas sobre o último encontro com o filósofo ateu H. Marcuse: ele "estava na sala de cuidados intensivos de um hospital de Frankfurt, rodeado de aparelhos nos dois lados da cama. Nesta ocasião, que foi o nosso último encontro filosófico, Marcuse, em conexão com a nossa discussão de dois anos atrás, disse-me: *"Sabes? Agora sei onde se fundamentam os nossos juízos de valor mais elementares: na compaixão, no nosso sentimento pela dor dos outros"*.

Continua a fazer todo o sentido combater qualquer espécie de mal; tal como continua a fazer sentido aliviar o sofrimento dos outros; alimentar uma criança esfomeada; é ato absolutamente digno de admiração ver a nobreza de quem oferece o bem em retorno do mal recebido.

Vaclav Havel, primeiro presidente da República Checa, falecido em 2011, afirmou a propósito da esperança, que é uma orientação do espírito, uma orientação do coração. Não é a convicção de que algo acabará bem, mas a certeza de que algo tem sentido, seja qual for o resultado.

Termino com o Mestre Eckhart (séc XIII) que diz de uma forma muito sábia:

Nada sabe mais a fel do que sofrer, e nada sabe mais a mel do que ter sofrido.

Nada, diante dos homens desfigura mais o corpo do que o sofrimento; nada, diante de Deus, transfigura mais a alma do que ter superado o sofrimento.

Aprender a colocar a pergunta certa sobre o problema do sofrimento

- *O que é que tu tens e não queres?* – (Posse)
- *O que é que tu queres e não tens?* – (Carência)

Quando responderes plenamente essas duas questões, terás o princípio da solução para o problema do sofrimento em ti.